

FORÇA NA CAMINHADA - RETORNO ANCESTRAL E PERTENCIMENTO INDÍGENA

Associação Multiétnica Wyka Kwara:

Kwarahy Tenetehar Xypew,
Juliana Tupinambá
Karina Tajyputir Tupinambá
Mariana Cambirimba
Janaú

Acordei de um sonho profundo em que sobrevoava a floresta, dali se viam as árvores fartas, abundantes, as cores dos frutos pintando o verde da mata. Os animais se alimentavam, humanos se alimentavam, meus olhos se alimentavam, eu, agora uma águia retornava para casa depois de um longo tempo de ausência. Havíamos esquecido a habilidade de ser natureza, porque a cidade se impunha sobre nós, havíamos esquecido como falar a nossa língua materna, pois o deus branco se impunha sobre nós, havíamos esquecido da nossa beleza, pois outros padrões se impunham sobre nós. Mas em sonho, os ancestrais seguiam nos visitando, contando histórias de um tempo que ainda acontecerá porque já está acontecendo, o espírito nunca se esquece e nesse voo de retorno que ousamos despertar.

O ditado popular diz que “um fruto nunca cai longe do pé”, desse modo, nos colocamos aos pés de nossas raízes, que seguem conversando conosco. As linhas a seguir apresentam sonhos que se encontram para dizer:



aqui estivemos, aqui resistiremos! Com as contribuições de Kwarahy Tenetehar Xypew, Juliana Tupinambá, Karina Tajyputir Tupinambá e Mariana Cambirimba, ilustrações de Moara Tupinambá e Ixe Tai, além de organização de Janaú, integrantes da Associação Multiétnica Wyka Kwara, costuramos memórias que se revelam em nossa caminhada e que se encontram nas histórias de tantos como nós. Diversas foram as políticas do Estado brasileiro para apagar a presença indígena no país, entretanto milhares de descendentes têm despertado para o próprio pertencimento, fazendo desse retorno um instrumento de luta para a causa indígena. Para seguir esse texto, é preciso a disponibilidade para olhar outros pontos de partida e reconhecer que o fruto é antes de tudo, semente.

História dos Povos do Brasil

O acordo internacional de Tordesilhas, assinado em 7 de junho de 1494, celebrado entre as nações inimigas Portugal e Espanha, dividia entre elas as terras encontradas e as que ainda viriam a ser. Destas decisões, os povos de Abya Yala não sabiam que, na Europa, estavam os donos das suas terras, que seriam espoliados, desterrados, desnacionalizados, apagadas a ancestralidade, ritualística, a história. Deixariam de ser quem são: seriam órfãos étnicos e depressivos culturais.

O dia 22 de abril de 1500 é marco temporal para os mais de três mil povos que habitavam esse território chamado Brasil pelos invasores, dos quais restam trezentos e cinco. Mil quatrocentos e setenta e um povos foram declarados extintos, sendo os Tanarú, o último deste número. Enquanto o número de europeus aumentava nas terras Pindó, os povos nativos se extinguíam.

As primeiras décadas da colonização foram de manutenção de uma pseudo amizade entre europeus morando nas

comunidades com os povos nativos, mesmo havendo pequenas desavenças pela forma diferente de vivência entre eles e os portugueses. Este quadro de estranhamento constante fez com que em 1531, os portugueses iniciassem o que seria a prática dos próximos séculos. Fundaram a sua primeira comunidade, São Vicente, desterrando os Tupynambá da Ilha do Governador. Esta atitude portuguesa agravou mais a relação com os povos. Esta e outras práticas levaram à eclosão da confederação dos Tamuyos em 1567, que representa o segundo marco temporal, pois ficou claro quais eram as intenções portuguesas, de outras nações e igrejas que viriam para estas terras. A eclosão do conflito, em uma segunda-feira, não se deu sem razões. Foi um conjunto de desavenças e decepções dos povos em relação aos portugueses, que com o tempo, tornou insustentável a convivência entre eles.

A pretensa amizade e presentes dados pelos portugueses eram estratégias de dominação dos povos nativos. Daí pra frente, os próximos 433 anos, seriam marcados pelos mais de cento e quarenta conflitos em que os povos estiveram à frente das lutas portuguesas que eram desprovidos de gente para as batalhas. Por isso os usavam sob falsas promessas.

"Os mais de 10 milhões de indígenas, que viviam até o ano de 1500 em Pindó, só diminuíram enquanto o número de estrangeiros só aumentava."

Sabiam que assim diminuiria o quantitativo deles, bem como seus poderes de possíveis rebeliões. No século XVIII, o número de pretos e brancos já era equiparado ao quantitativo de indígenas.

Em 1510 a tentativa de escravizar povos, foi intensificada e passados vinte anos, foram frustradas devido a dificuldade de dominá-los. A saída foi, a partir de 1530, trazer durante quatro séculos, cerca de 4 milhões de parentes de África. Da Europa vieram aproximadamente 1 milhão de pessoas de várias partes do mundo. Os mais de 10 milhões de indígenas, que viviam até o ano de 1500 em Pindó, só diminuíram enquanto o número de estrangeiros só aumentava. Juntamente com este processo de extermínio, antropólogos exterminavam quando afirmavam que: filho da miscigenação, se muda costume, se perde a aldeia, se for dominado, se muda de credo, se não sabe a história, se é pardo, não é indígena.

A este pensar se unem outras formas de extinção como o renomear indígenas em: ribeirinhos, catadores, coletores, pequenos agricultores, transformação de aldeias em quilombos, vilarejos, colônias, cidade como Belém (Tupynambá, Tupy,...) Manaus (Manaó); Salvador (Tapuya, Tupy e Tupynambá); São Vicente (Tupynambá); Florianópolis (Guarany). Nas cidades, descendentes de indígenas se estabeleceram em periferias, e assim, também os povos que deixaram de viver em comunidade por perda das terras, fugitivos da violência no campo. Porém, quem tem esta história é chamado pela ancestralidade a se levantar para honrarem-na, buscando a verdade sobre a história e se posicionando na existência, lugar e no ser.

Indígenas em processo de fuga que foram ficando no caminho iam sendo engolidos pelas cidades, e na convivência iam deixando a civilização originária, absorvendo a cultura e conceitos do colonizador. Estas pessoas não tinham informações pessoais por falta de registros, em 1758, Marquês de Pombal proibiu o ensino e o uso do Tupi, e obrigou o ensino do

idioma português, que na prática proibia todas as línguas originárias, a vivência cultural artística, ritualística, oralidade, auto identificação e organização social.

Em 1814, foram trazidas pessoas da Europa que até a terceira geração anterior não tivessem miscigenação com outros povos, para em Pindó, fecundarem forçadamente as indígenas e pretas, com o objetivo de gerarem filhos com outro fenótipo, que não fosse preto ou da cor da terra, pois nestes dias já estava forte a proclamação da independência e o propósito de construir uma nação que fosse superior a todas as outras.

Netos e bisnetos que vagamente lembram das histórias da bisavó e bisavô são os remanescentes dos povos que vagavam escondidos e que, por isso, não foram extintos. A estes, atualmente são cobradas que saibam: a história, língua,

Kwarahy Tenetehar Xypew

Graduado em Administração com habilitação em gestão de negócios, Graduado em Direito com especialização em Direito Constitucional, trabalhista e seguridade social. Mentor, Diretor e presidente da Associação Multiétnica Wyka Kwara. Fundador e presidente do TOAJ- Tribunal Originário Abya-Yala de Justiça no Brasil.





1) Arte criada por Moara Tupinambá para o cartaz do filme "Imagine 2030", @moaratupinamba

cultura, organização social de seus povos de origem.

Somente no século XX reaparece a multidão remanescente sem provas, sem história oficial e sem documentos, reivindicando direitos humanos suprimidos. Sabem os exterminadores que foram eles que apagaram as provas, documentos e desorganizaram sociedades milenares, que, agora, cobram o direito ao passado silenciado. Por isso, o não ter documentos, registros e história e organização social, são provas de ser indígena, restando apenas identificar a qual povo pertence, podendo inclusive, ser de algum dos 1471 declarados extintos pelo Estado.

Depois de 1980, os povos vêm crescendo aceleradamente, tanto pelo crescimento da população nos territórios quanto pelos juçara remanescentes que vivem nos centros urbanos. O tema miscigenação não deveria ser debatido, uma vez que os seres humanos, são humanos independente de origem, cor, credo e cultura, cujos direitos humanos são inclusive de quem os sustenta. Mas, ainda estamos longe da compreensão e de erradicar a barbárie e sermos civilizados de fato e entendermos o que realmente seja desenvolvimento.

É urgente
nos
animalizarmos e
selvagilizarmos.

--

Às vezes acordava com saudades de algo do passado. Saudade da infância e no que acreditei ser um sítio. E assim passei um tempo da minha vida. Meus avós viviam de forma autônoma: arroz, café, peixe, legumes e ela, o nosso alimento ancestral, a farinha. Cultivada por muitos povos, ela é a referência atual de alimentação, é milenar. Atestada inclusive pela ONU. Assim eles passavam o tempo

Karina Tajyputir Tupinambá

Sou Karina Borges C., autodeclarada Tupinambá do Kaete, região ancestral do maretório bragantino e Tajyputir, nome a mim concedido por irmãs Ka'apor, onde trabalhei. Sou nortista, mulher amazônica e rego raízes ancestrais e milenares pelo bem viver dos povos. Historiadora, mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia, pesquisa resistência alimentar indígena, processos decoloniais, participação de indígenas na web e suas trocas culturais. Colaboro com a produção de projetos sociais amazônicos, presto assessoria acadêmica e assessoria às associações. Meu xodó é a Associação Multiétnica Wyka Kwara, onde me encontro e realizo. Componho grupos de trabalho da Amuk potencializando nossas práticas e ações. Katu ahy.



cultivando a terra, plantando raízes, frutos, tirando cipó e palha para artesanato, folhas de bananeira para fazer moqueca de peixe, barro para as louças e panelas, folhas para banhos e chás específicos para os dias de lua para crescer meu cabelo e expelir verminoses.

Fui crescendo, observando e tendo saudade. Minhas raízes estão fincadas nestas raízes do passado, nesta cultura que teima em acender dia e noite em meu ser. A farinha, sim, ela também me ajudou na conexão com meu ser, ela tem história. Ela é a minha identidade. É com ela que me conecto ao passado, ressignificando.

Sou Amazônia, sou raiz de mandioca, sou origem Kaete, aqueles que habitavam as matas verdes de um imenso rio que permanece vivo e alimenta aos seus moradores que em sua maioria tem sangue indígena. Sim, seus moradores originários. Taba Tupinambá.

Hoje sou o que sou: Karina Tajyputir Tupinambá.

--

A pátria não é coisa nossa. Nunca foi. O diadema e a coroa não são coisa nossa. Nunca foram, não serão e tem dias que a gente cansa mesmo de reclamar por nossos direitos, desde o direito a território ancestral até o de existir em todo e qualquer contexto. Violência não é apenas aquela que termina na agressão, violência também é não poder ter corpo, não poder ter história, não poder ter voz, não poder ter alma. Violência é quando se quer saber sempre da avó pega no laço, mas nunca se quer saber do avô estuprador que tinha o laço na mão. RE-CLAMAR, clamamos todos os dias, em todos os momentos por um alívio que não chega.

Ainda que nossa forma de ensinar seja oral, o que perpetuou mesmo ao longo desses quinhentos e vinte e três anos foi o romance que eles criaram ao se dissociar da realidade: a selvagem brasileira e o salvador português. Não se sabe até hoje quem era a selvagem para além dessa nutrição do imaginário europeu e de seus herdeiros, que ainda hoje acham que herdaram também nossa tutela.

Um dia desses li um texto do Ad. Júnior sobre o caso de uma racista que caminha tranquilamente lá pelo Leblon até hoje, açoitou um irmão preto como se estivesse nas colônias de mil e quinhentos e me lembrei de uma vez em que uma herdeira, num evento me olhou e achou por bem tocar em mim, nos meus cabelos

Juliana Tupinambá

Pesquisadora de tradições e culturas dos povos de Abya Yala, ativista em retomada indígena. Idealizadora do Coletivo Matinta, ainda em formação e integrante da Wyka Kwara, associação de indígenas em contexto urbano, nacionalmente conhecida.

Atua como designer de produto e é formada em fotografia pelas FMU, também integra o movimento Terreiro Resiste e tutora do curso Epistemologia de Caboclo.

Instagram: @ju.tupinamba



e me dizer que "sou exótica, linda! Que pareço uma índia!" (Como se "exótico" em Pindorama não fosse o fenótipo dos invasores, cujo ela tinha).

E é isso que eles fazem até hoje com o tal do turismo ecológico, pagam fortunas para nos verem como animais exóticos no zoológico, para tirarem fotos com a gente, para receberem as pinturas no rosto e "se sentirem" como nós, tatuam nossos grafismos, tomam nossas medicinas e depois vão embora, sempre levando consigo nossos artesanatos, mas penso que o que não entendem é que não é porque você comprou uma zarabatana que ela é sua.

O dinheiro que é apelidado de "energia de troca" não compra quem nós somos.

Por mais que insistam os acadêmicos, não somos objeto tribais de estudo, porque ainda estamos vivos, ainda estamos produzindo, hoje não plantamos só a mandioca, plantamos possibilidade de resistir em aldeias e em metrópoles como plantas que crescem também do asfalto, aprendemos a usar a tecnologia, aprendemos a desenvolver nossa moda, aprendemos a cuidar de corações feridos usando jalecos, aprendemos a enfim, falar sobre nós a partir das nossas pertencas tupinambás, bororós, guaranis, kaingangues, puris, ashaninkas, witotos, potiguaras, tapuias e todas as outras que por falta de vontade, os não indígenas desconhecem.

É mais um famigerado "Abril indígena" em que nós somos as estrelas, quem vai nos ouvir no "Maio preto", onde não seremos mais os superstars da vez? Quem quer saber como fica nossa história quando as datas comemorativas e de "grandes homenagens" racistas passarem?

Quem segura
nossa mão
depois do final?

--

Hoje, caminhando pela cidade, vejo reflexos em cada pessoa-espelho. A gente reconhece, mesmo que muitas vezes a gente não se reconheça. Isso é um pequeno ponto de vista sobre o que é ser indígena na cidade. Minha parenta Eliane Potiguara, escreveu certa vez: eu não tenho a minha aldeia. Infelizmente, tenho que dizer: nem eu.

A pela clara às vezes também pode confundir. Ser mestiça e se pertencer indígena é, para alguns, se nivelar para baixo. Para outros, querer ser o que não se é. Mas as memórias afetivas que colocam as minhas lembranças são a minha fortaleza. É o que sou: sou Cambirimba. Eu sou Potiguara e sou da Nação Kariri.

Meu nome é Mariana Cambirimba, nasci entre o Poti e o Parnaíba, em Teresina-Piauí. Sou filha de Francisco e

Mariana Cambirimba

Indígena nascida no Piauí, tem origem Potiguara e da Nação Kariri. É escritora (ghostwriter e redação SEO), poeta e arqueóloga. Faz parte da equipe de Comunicação e criação de conteúdo da Wyka Kwara, além de ser articuladora do Mulherio das Letras Indígenas.

Instagram: @marianacambirimba



Irene. Meu avô, Francisco Jorge da Costa, perdeu seu nome étnico, mas o tecer da história nos levou a nossa família Cambirimba. Éramos muitos e antigos, me contou o pajé Cícero Potyguara. Como povo do tronco Tupi, caminhamos muito e fomos nos espalhando. E algumas dessas andanças são resultado da fome e da sede impostas pelos coronéis no sertão.

Me pertencer indígena é um processo de acolhimento da nossa própria história. Dos meus próprios ancestrais. É fortalecer a presença indígena nesse território imposto - Brasil. É se olhar no espelho e compreender os traços diferentes e que não condizem com os sobrenomes portugueses. Não é negar: nenhuma história deve ser apagada, mas é despertar aquela brutalmente silenciada.

Fazer parte da Associação Multiétnica Wyka Kwara é também ser 'força no caminhar'. O processo de retorno não é fácil. É extremamente doloroso e não deve ser romantizado. Reabre feridas e marca outras. Por isso, precisamos dessa força para continuar caminhando. E a melhor maneira é em coletivo. Podemos pensar, chorar, rir, construir possibilidades de vida na urbanidade.

Para cada pessoa que está lutando contra o etnocídio, fica o convite:

quando você
diz que apenas
seus ancestrais
eram, você
corta a sua
árvore, mata
suas raízes.
teus parentes
hoje te lembram:
seja uma boa
ancestral.

--

Em nossos sonhos ancestrais, todas as árvores se encheram de frutos, a fartura era tanta que povos de toda Abya Yala se dirigiram até a floresta mágica – que juruá¹ não vê. Era um verdadeiro moitará, trocas aconteciam, todos falavam a língua dos colibris abrindo uma brecha no tempo, éramos todos parentes, éramos todos a floresta. Depois de nos fartarmos, encostamos para descansar, alguns armavam as redes onde conseguiam, outros se aninhavam entre si, com os animais, com a terra e ali existíamos com o espírito em paz, com nossa memória em paz, com a paz estampada no rosto dos curumins. Nossos ancestrais então cantaram todas as nossas histórias, tecendo um grande manto com o qual nos cobríamos para adormecermos sem medo e com a alma enfim descansada e abraçada por quem nos precedeu, retornamos do sonho, reconhecendo a partir daqui os frutos fartos que nunca deixaram de cair no pé, cantando para cada um deles as canções dos colibris que atravessam o tempo para regar memória em cada um de nós.

-

¹Juruá: não indígena no idioma Guarani.



2) TAI – Título: Māya Iwí, @ixe_tai

Organização: **Janaú**

Diagramação, projeto gráfico: **Webert da Cruz / OLMA**

Revisão: **Alessandra Tavares de O. / OLMA**

Ilustrações: **artistas da Associação Multiétnica Wyka Kwara:**



Janaú

Janaú – De ancestralidade Marajowara, da comunidade do Afuá/PA. É educadora, artista visual em múltiplas linguagens e escritora. Mestre em Educação pela UERJ, atua ainda com crítica de arte, curadoria e direção de arte. Pesquisa a potência e as armadilhas da linguagem, o trauma colonial e os saberes tradicionais originários de Abya Yala. Integra a "Associação Multiétnica Wyka Kwara" de indígenas em contexto urbano e em retomada. Vive no eixo Rio-São Paulo e em Ubatuba, litoral norte de SP.



TAI

TAI é artista visual e professora nativa de Mairi (Belém-PA), se inspira principalmente nas mulheres amazônidas e em sua cultura ancestral. Produziu trabalhos para empresas como Nivea, Grendha e Salon Line, participou das publicações como “Death Hunt” (Pow Entertainment e Eleven Dragons, 2022), “Causos de Visagens para Crianças Maluvidas” (2022), além de integrar diversos grupos ativistas como o rede MARPARÁ, coletivo Quadrinistas Indígenas e Associação Wyka Kwara.



Moara Tupinambá

Moara Tupinambá nasceu em Mairi - Belém do Pará, é artista visual e curadora ativista. Utiliza desenho, pintura, colagens, instalações, escrita, vídeo-entrevistas, fotografias, literatura. Sua poética percorre cartografias da memória, identidade, ancestralidade e reafirmação tupinambá na Amazônia. É vice-presidente da associação Wyka Kwara. É autora do livro “O sonho da Buya-wasú”, da editora Miolo Mole.





Lendo & Refletindo

SIGA O OLMA NAS REDES:
@olmaobservatório

olma.org.br